

4440

Cândido da Cunha

O PINTOR DO MISTÉRIO DA PAISAGEM

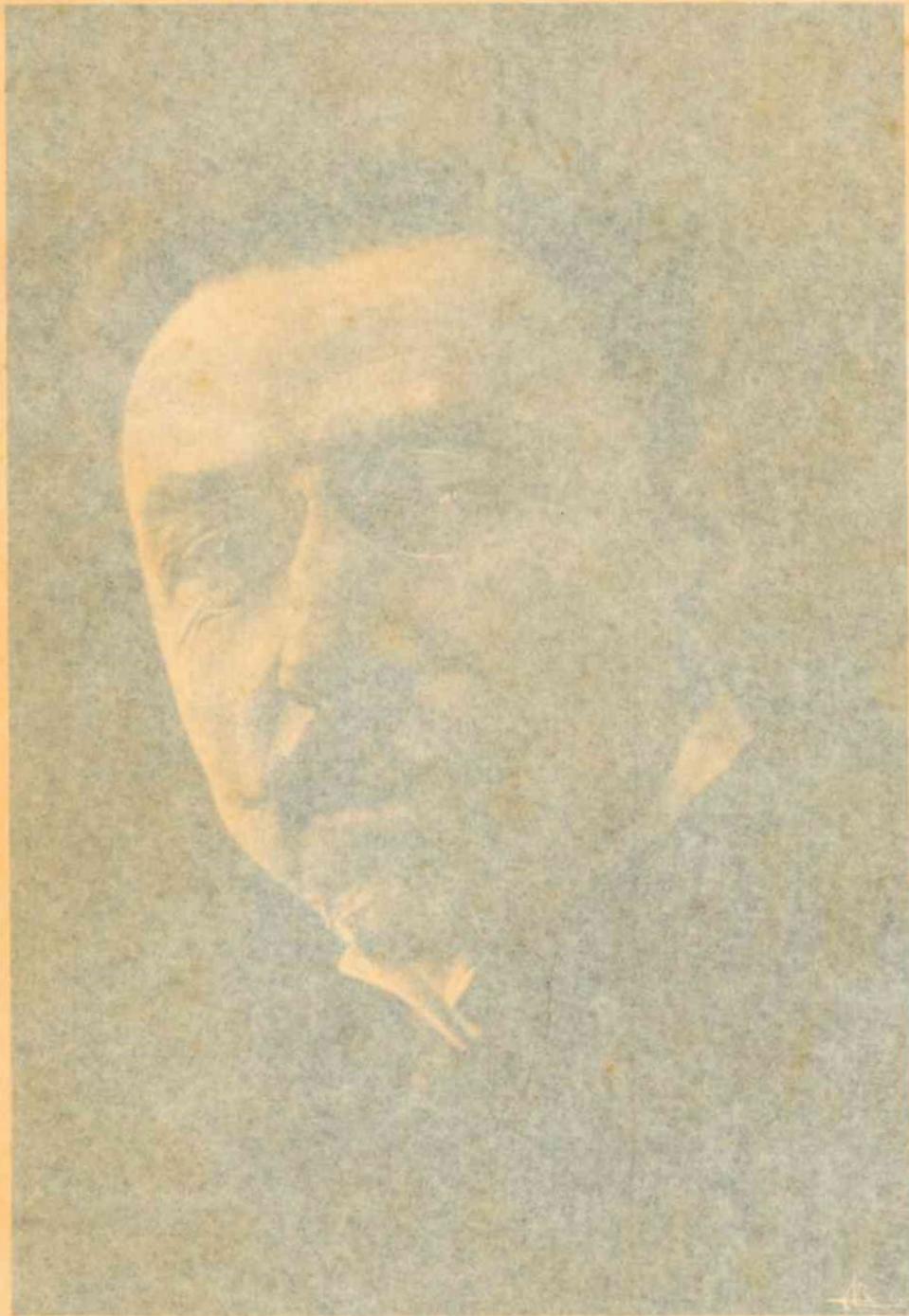
HOMENAGEM POSTUMA
DOS AMIGOS E ADMIRADORES
DO GRANDE ARTISTA



inha, Cândido da



MANUEL FERREIRA
□ ALFARRABISTA □
PORTO □ PORTUGAL



CANDIDO DA CUNHA

V ROS
CERRADOS
NAO FAZE

JEL FERREIRA
FARRABISTA
PORTUGAL



CANDIDO DA CUNHA

250
Ao Ex^{mo} Sr. J. J. J.

Dr. Campos Monteiros

Plustre colador de la obra

Cândido da Cunha

O PINTOR DO MISTÉRIO DA PAISAGEM

off.

25-V-127

Maryus P. Lere



Cândido da Cunha

O PINTOR DO MISTÉRIO DA PAISAGEM

HOMENAGEM POSTUMA
DOS AMIGOS E ADMIRADORES
DO GRANDE ARTISTA

EDIÇÃO FÓRA DO MERCADO



PORTO

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Legado
Álvaro Arezes L. Martins

N.º 60117

Barceliana

Imprensa "Marques Abreu, L.da.,
Avenida Rodrigues de Freitas, 310
PORTO — 1927

CÂNDIDO DA CUNHA

NÃO há talvez lembrança, em nosso tempo, de se fazer tam bela consagração à memória dum artista, como a que teve Cândido da Cunha depois da morte. Escritores e jornalistas, dos mais ilustres, renderam-lhe na imprensa uma eloqüente e significativa homenagem. E êsse preito não visou apenas o Artista, de alto e real valor que êle era, mas também o homem de sentimento, delicado e prestimoso, que em benefício dos outros prodigamente distribuiu grande parte do seu tempo, disposto sempre a atender os que solicitavam seus serviços.

Foi, por isso, justa a homenagem, porque era merecida, pois Cândido da Cunha prestava aos homens de letras um verdadeiro culto. Lamentável seria, comtudo, que essa consagração tivesse a vida efêmera das gazetas. Êsse motivo justifica a reunião dos artigos publicados em volume, e numa edição que se procurou tornar agradável. Desta forma se poderá aplicar, à personalidade artistica e moral de Cândido da Cunha, a frase de Horácio: «Non omnis moriar.» Do seu valor, e a perpetuar o seu nome, ficará ao menos êste documento.



CÂNDIDO DA CUNHA

O PINTOR DO MISTÉRIO DA PAISAGEM

ILUSÕES afectuosas de homens bons, de boa-mente prontos em suprir pela indulgência a exigüidade de aptidões daquêles aos quais honram com a sua confiança, quiseram que, mercê da sua benignidade, eu fôsse chamado a balbuciar aqui em breves palavras o elogio do homem insigne e apóstolo intemerato da arte que foi Cândido da Cunha.

De-véras me pesa, na verdade, a indigência de recursos, que me entristece, para cabal desempenho de tão alto e delicado encargo. Cerceamente o haveria declinado se a fortuna da viva amizade dêsse homem nobre, a qual durante prolongados anos e até à sua morte tão carinhosamente me afagou e desvaneceu e me esclareceu e ensinou — cerceamente haveria declinado êste encargo, tão pesado para as minhas fôrças como grato ao meu coração, se a amizade não me afoitasse a juntar à grandeza do espólio do mestre a pequenez do meu culto e o fervor do meu affecto, única contribuição que ao seu justo renome posso trazer, onde de todo me falece a inteligência e o saber.

Em meio da minha dúvida e vacilação certo, porém, estou de que, se o meu affecto em nada pode, infelizmente, engrandecer a memória de Cândido da Cunha, também, e por meu alívio, a pobre homenagem da minha dedicação não nega nem desdiz e nem sequer perturba a justiça que hoje lhe prestam os que para tanto têm absoluta autoridade

e forças bastantes. Pois nesta exposição que é como uma primeira claridade translúcida de alvorada erguendo-se sobre a sepultura de Cândido da Cunha, pelo zêlo dos seus crentes e pelas próprias mãos do levita da Beleza inflamada, ateadada pela inspiração das criações a que as suas mãos deram vida, guardando em realidades sensíveis os sonhos da alma de um artista de excepção, privilegiado — nesta romagem a que vimos, devotadamente, a fortificar-nos na contemplação fascinante do escrínio de um legado precioso, aqui coincidem e se encontram a par e se confundem na mesma prece e no mesmo preito a mais singela saúde e a mais austera e sábia justiça. Aqui as razões de amor se encontram sossobradas e aplaudidas pelas razões da experiência e da observação lógica a mais rigorosa, e ao reconhecimento do mérito por quem tem o direito de o julgar pode responder sem a mínima quebra de harmonia aquela pena do afastamento doloroso do amigo que me enche o peito e é quanto a minha turvada obscuridade pode juntar à sua glória.

* * *

Morreu Cândido da Cunha, e muito bons espíritos que viveram em aturada familiaridade com o seu labor e as suas obras crêem que nem sempre em sua vida lhe foram fiéis a notoriedade e a fama, e é dever nosso reparar o agravo que daí lhe veio. Porventura no comum da crítica e do público, Cândido da Cunha nunca teria tido tão larga e elevada estima como aos seus merecimentos naturalmente cabia. Sobretudo teria passado mal compreendida e não raro totalmente ignorada a singularidade de inclinações que o guiava, e uma ponderada distribuição de lugares lhe reservaria situação áparte entre os seus companheiros contemporâneos mais ilustres.

Não é que as suas telas se houvessem mirrado pelas paredes e empalidecido à falta de orvalhos encomiásticos que as humedecessem; mas da qualidade e composição dêsses orvalhos talvez haja alguma coisa a dizer. Por

exemplo: — «artista eminente» e «grande pintor» teriam sido epítetos que a prosa corrente quotidiana não regateou a Cândido da Cunha, ou, antes, abundantemente lhe outorgou, com a leviandade e indiferença que tanto regista a virtude, onde subsiste e prevalece, como cobre de favores a mediocridade e entumece de lisonjas a estultícia, onde ela cobiçosa se afadiga a solicitar o seu alimento predilecto. Entretanto, «artista eminente» tanto o será quem hàbilmente maneja a frivolidade, e até o vício, e os torna fascinantes, como quem com igual destreza e melhor fé nos exprime a essência divina e nos embebe na sua luz e no seu amor. E quanto a «grandes pintores», muito teremos que distinguir: no âmbito dessa categoria acotovela-se em larga e complexa extensão gente de muita côr, desde o intérprete extático das almas pela representação pictórica divinamente simbólica até ao tintureiro mercante que, pela acertada aplicação das tintas à imagem dos objectos que lhe impressionaram a retina, com êxito procurou estampar em meia dúzia de palmos quadrados de uma superfície lisa, sòmente e muito restrictamente, o que os olhos avistam. A ponto que freqüentemente acontecerá que o mais subtil e ágil tintureiro é um pobríssimo pintor, no sentido estético da palavra, mudo, de facto, entre a exuberância caudelosa da sua policromia, e, inversamente, não é raro, como a história e os museus demonstram, que o mais eloqüente pintor seja um medíocre tintureiro, parco de modalidades e efeitos, à míngua de experiênciã e aptidão de manipulador de laboratório químico. Entre êsses dois «artistas eminentes» e «grandes pintores» há distâncias incomensuráveis, quiçá conflitos e antipatias irreductíveis, quanto distingue a alva do sacerdote do avental do droguista.

* * *

Se, empenhados em destrinças dêste género, entrarmos a examinar e graduar a obra de Cândido da Cunha, a primeira qualidade que ela nos manifesta com uma evidência incon-

trastável é a sua unidade. Há em todos os seus quadros qualquer coisa comum e constante que verdadeiramente os funde em um só alento impreterível.

A superficialidade pedantesca poderá dizer dos quadros de Cândido da Cunha que «quem viu um, os viu todos». Porque a mudança de cenário não importou mudança de carácter, logo se lhe afigurou repetição estreme o que foi apenas a actividade rítmica de uma fôrça constante, operando invulnerável em aspectos diferentes. As deficiências da sensibilidade que na apreciação da paisagem a limitam a contemplar a expressão externa e os seus instrumentos, e esquecem e radicalmente preterem o pensamento e a idealidade que a forma concreta foi chamada a exprimir, tomam por incapacidade do artista o que nós ignoramos e não vemos, por incapacidade nossa de profundar e pressentir as energias subjacentes; e põem à custa de falta de agilidade do artista para variar a escolha das formas ou a sua invenção o que é unicamente a persistência e ansiedade de uma emoção e de um pensamento que em todas as formas palpita. Há uma paisagem, como externa e da exterioridade não passando, ávida de acidentes e essencialmente episódica; e há uma paisagem interna que, inversamente, é parca de multiplicidade de aparências e se torna como ascética pela exigüidade e nebulosidade das formas que lhe bastam para revelar a profundidade e intensidade do seu alento íntimo.

Conforme uma ou outra destas paisagens buscamos, acharemos Cândido da Cunha pesadamente monótono ou sublimadamente religioso.

Sem embargo, a consciência acautelada e reflectida sabe muito bem, sem sombra de dúvida, que quem viu um quadro de Cândido da Cunha não os «viu todos», mas os «sentiu todos», o que é bem diferente e honra lhe seja. Pois o que nessas telas está de permanente e invariável não são árvores e montes e rios, que aliás variam de contôrno e côr e luz para Cândido da Cunha como para qualquer outro pintor autêntico; o que lá encontramos immutável e nos cativa é o sentimento que animou o artista e o move, é a emanção

que vibra das suas telas, é, numa palavra, o milagre do carácter para o qual os objectos sensíveis são apenas os medianeiros da confissão e transmissão de uma aspiração que não conhece ontem nem hoje nem diferença de lugar, em todo o ambiente e em todo o tempo e a toda a hora se ostentando na sua pureza incorruptível, e na sua transcendência nos absorvendo e enlevando.

Áparte, claro está, diverso grau de proficiência técnica e considerados os modos de ser peculiares a cada arte; guardadas as devidas proporções e tôdas as distâncias de obrigação, a monotonia de Cândido da Cunha é simplesmente a monotonia dos grandes mestres, a monotonia dos que têm na sua obra o vigor e a correlação de um princípio. É a monotonia de Corot e de Rembrandt, de Beethoven e de Mozart, de Bernardes e de Frei Luís de Souza, de Dante e de Camões, — todos tão aferrados à unidade do seu ser que basta ouvi-los ou vê-los num relâmpago para se lhes reconhecer imediatamente a identidade. Em todo e qualquer aspecto dêsses génios há um «ar de família», tão vincado, uma nota predominante tão aguda e penetrante, que onde quer que a topemos é sempre a mesma, sempre a si mesmo idêntica, dessa identidade tirando todo seu maravilhoso poder de impressão. Quem lhe contemplou uma parcela, avistou a totalidade. Em caso algum será o desfazimento de um desconexo ajuntamento de acidentes; sempre a vibração de um momento corre a incorporar-se na mesma onda e tôda a vibração nessa onda se confundirá.

É o que acontece com Cândido da Cunha. Por um mesmo filtro passará as águas do Cávado e as do Águeda, e ao fim teremos que, sem lhes alterar a côr ou mudar a celeridade e a ondulação da corrente, a tôda a face mantendo a sua individualidade, sublimou-as em um só e único arrebatamento, em uma só e única transparência as verteu e confundiu. Não foi aglomeração, divergência e sucessão o que se produziu; foi uma consubstanciação e simultaneidade que em toda a obra se operou, dando uma estabilidade transcendente a quanto é tangivelmente mudável e accidental. Não

foi a imitação do ser estranho que se estampou, duplicando a forma do que a natureza criou; foi uma abstracção que perpassou na forma e uma fulguração que viveu vida palpável e por ela nos confessou a sua espiritualidade. Não foi a ostentação de um espectáculo que nos chamou e deslumbrou; foi a iniciação no mistério que nos enlevou.

* * *

Êsse carácter da obra de Cândido da Cunha, a emanação essencial da sua arte que de tôdas as suas telas ressuma em uma identidade inalterável e íntegra, isso que êle com um admirável e seguro poder estético nos sugere, é o sentimento do mistério, que funde na harmonia cósmica a vibração de tôda a paisagem, é o clamor da voz do Infinito que nos vence e prostra em obediência e louvor. De um quadro onde, se expande e ondula o revestimento da terra e a sua irisada atmosfera, Cândido da Cunha desprende ecos de hinos religiosos erguidos à majestade, onnipotência e onnipresença de Deus.

Nas suas paisagens, jâmais se desencadeia o tumulto da natureza orgiaca. Por certo lhe repugnaria; onde os seus ímpetos e as suas convulsões o houvessem tentado, de-pressa lhes voltaria costas, por lhes sentir um vago travor de blasfêmia e de grito sacrílego. Suspeitar-lhe ia uma recôndita depravação da ingenuidade e da graça, e fugiria de a servir. Docemente baptizadas no pudor, as suas paisagens parecem recolhidas para o murmúrio de uma oração infinda. Nem outra atitude que lhe seja salutar poderá convir à unção religiosa, que une a terra aos céus e resgata na suavidade angélica a rouquidão de túrbidas energias criadoras. A cada forma, ainda à mais rude e à mais apagada, Cândido da Cunha intuitivamente cinge uma auréola de transposição para o infinito. Todo o pó repassa dessa luz: árvores, montes, águas, o penhasco e o prado, a bonina e o cedro, o rio e a floresta, e o outeiro e a planície, a todos por igual atribuiu

insígnias sacerdotais resplendentes. Em cada mancha das suas telas há como uma liturgia mística; da areia como da fôlha incessantemente se erguem os fumos do incenso da adoração. Parece que o esforço das realizações concretas, que a arte impõe e são seu mister, ali abriu de par em par ao artista os umbrais dos templos dos mistérios da vida e o encaminha, infatigável, nas suas veredas, para o convencer da própria fraqueza perante os esplendores divinos e o precipitar na humildade, de todo o destituindo do natural orgulho que justificadamente adviesse do espectáculo da beleza consumada pelo labor dos seus talentos.

Um nosso contemporâneo eminente, o Sr. Oliver Lodge, discorria, ainda não há muito tempo, e proficientemente, como é próprio do seu peregrino engenho, sôbre a «realidade do que não se vê».

Semelhantemente, as telas de Cândido da Cunha têm o particular condão não só de mostrar, mas também de cantar e louvar, por intercessão das coisas visíveis, a realidade das coisas invisíveis; e, entretanto, o que das coisas visíveis colhemos, torna-se mínimo em face da amplidão infinita das coisas invisíveis, a cuja imensidade a arte nos transportou.

Algum dia, a ironia desdenhosa e altivamente científica, escrava do mundo palpável e outro não sendo capaz de conceber além dêste e acima dêste, a ironia que escrevia *Sciência e Positivismo* com maiúscula, chamava misticismo a êsse estado de espírito, e, como se de enfermos curasse, excluía compassivamente do grémio dos sãos quem se houvesse deixado possuir daquela energia transcendente que desenhou e coloriu os quadros de Cândido da Cunha e nos comunicou a sua aspiração e a sua comoção. Mas hoje, na ruína desapiedada dos castelos de cartas das verdades tangíveis a que o nosso tempo está assistindo, trocando-as pelas edificações mais sólidas que o império do imponderável cimenta, hoje poderemos talvez dizer, sem maior receio de errar, que o título mais elevado de grandeza que adornou e enalteceu a arte de Cândido da Cunha foi a fidelidade religiosa aos poderes divinos revelados na paisagem, e a

tenacidade e a inteligência com que dessa fidelidade nunca se apartou.

Facto notável, digno de ponderação e de memória neste ponto e nesta atitude das suas irreprimíveis tendências, Cândido da Cunha foi verdadeiramente um precursor. Foi um idealista e um místico no tempo em que idealista e místico era pouco menos do que um rótulo pejorativo. Havendo vivido a sua vida de arte nos quarenta anos que vão de 1886 a 1926, Cândido da Cunha iniciou a sua luminosa carreira exactamente no momento dos triunfos mais audaciosos e retumbantes do materialismo e do realismo, nos tempos das exhibições despejadas de tãda a nudez carnal e das bacanais da sensualidade, admiravelmente servida em tese e na prática pelos romances de Zola e seus numerosos e talentosos parceiros do naturalismo estético e filosófico, e àvidamente procurada como hóstia redentora por multidões de exuberante animalidade, impacientemente rebeldes a todo o constrangimento moral e a tãda a obediência religiosa. Cândido da Cunha entrou na lide idealista e recebeu as ordens sacras do seu mister, quando o mundo inteiro, e particularmente o mundo da crítica que fabrica a opinião pública, era adverso às instigações do seu temperamento e lhe sujeitava a coragem às duras provações de que saíu vencedor, no meio de uma tormenta implacável, que a tãda a hora o ameaçava do naufrágio.

Os tempos actuais que cerraram os olhos a Cândido da Cunha, outros são e muito diversos daqueles em que deu os primeiros passos e calçou terreno ingrato. Mais propícios à sua crença, eis que começam a aclamá-la em vez de insultar, como os tempos imediatamente anteriores haviam feito. Mas, pela doçura do confôrto e do repouso final que lhe coroou os seus afanosos dias, não se esqueça quanta robustez e fortaleza de ânimo e integridade moral foi necessária a Cândido da Cunha, para levar a consciência a pôrto de salvamento e perfazer a jornada que lhe foi vivamente agreste e tenebrosa no comêço, e ainda na maior parte do seu violento percurso.

¡A quanta indiferença e ignorância o trouxe exposto!...

Foi assim, por êstes escabrosos trâmites, que nos quadros de Cândido da Cunha o poeta venceu e dominou o pintor, guiando-o, disciplinando-o e sublimando-o.

* * *

Sem a tutela de qualquer compêndio de filosofia estética que o estorvasse, sem ter por detrás do cavalete uma biblioteca a adverti-lo e a oprimi-lo; ao largo de escravidões sectárias que o tolhessem; movendo-se serena e desafogadamente na liberdade alada de ingenuidade, que é a condição mais nobre do artista e a mais fecunda; isento de todo o preconceito doutrinário e apenas confiado aos impulsos espontâneos do seu ânimo e aos mandados de visões virgens de tôda a preocupação especulativa, Cândido da Cunha obedeceu todavia a princípios estéticos, que, por não serem no seu pensamento definidos em sistema e ordem lógica, o que era alheio à sua vocação, nem por isso subsistiam menos insistentemente nas suas criações, pois criações eram as suas paisagens, geradas de interpretação de uma essência superior. Não eram reproduções do quer que fôsse; pelo contrário, envolviam e patenteavam a negação radical da fidelidade fotográfica e do traslado mecânico.

No fundo, embora pela discrição e reserva do seu falar o não parecesse, — certamente porque a própria robustez dos seus princípios os punha fora de todo o arrazoado e discurso, que são o condimento obrigado da dúvida — no fundo, Cândido da Cunha era um homem de princípios.

Nem há artista verdadeiramente grande sem o alento fundamental de princípios coordenadores, aos quais tôda a sua obra seja sujeita. Sem a assistência de centros de gravitação que a obriguem a guardar o ritmo, desconjunta-se, fragmenta-se e pulveriza-se, no tumulto e na inanidade de quanto corre desvairado e sem senhor. Então é apenas um tropel — às vezes brilhante, mas tão breve como brilhante.

Se uma obediência não se lhe subentende e prevalece, tôda a obra humana, e a obra de arte mais que qualquer outra, se dissolve surda, cega e vã, radicalmente incapaz de significado.

Onde Vauvenargues imaginou que «o estudo da verdade tinha de preceder a eloquência» porque «não se podia chegar à eloquência sem primeiro saber pensar, e não se sabia pensar se não tínhamos princípios fixos, tirados da verdade», aí se proclamou uma lei, que não é privativa da eloquência, mas comum e indeclinável em tôdas as artes. Por fôrça das exigências naturais de todo e qualquer instrumento de expressão da nossa alma, sempre êsse instrumento será deficiente e a expressão em que colabore será nada, onde instrumento e expressão não forem mandados e regrados pela energia daquelas fôrças iniciais que chamamos princípios — ou êsses princípios tenham vindo daquela qualidade de esforço nosso a que usamos chamar estudo ou pensamento ou cogitação intencional e consciente, ou êsses princípios nos sejam congénitos, um bem de Deus.

Dos princípios estéticos subjacentes na arte de Cândido da Cunha e praticamente encarnados na sua aguda intuição de artista, eu não sei de exposição melhor do que essa que profusamente leio nas linhas e entrelinhas da *Estética* de Colin McAlpin (1), não duvidando todavia de que Cândido da Cunha lhe desconheceu a leitura e até o nome do autor, enquanto brilhantemente a exemplificava e seguia, sem embargo da sua ignorância de facto e com infinita vantagem suprida pelos segredos que a inspiração lhe murmurava.

Á margem de cada paisagem de Cândido da Cunha eu quereria escrever, como a mais elucidativa das apostilas para a compreensão das suas tendências, um conceito de McAlpin. Para a definição do seu ânimo e para interpretação cabal da sua obra não sei de melhor comentário que estas

(1) Colin McAlpin. *Hermaia, a Study in Comparative Esthetics* J. M. Dent & Sons, Londres, 1915).

breves máximas de estética que quasi ao acaso vou colher entre a copiosa e soberba abundância do livro de McAlpin:

«Tôda a natureza serve um fim duplo: não só sustenta a utilidade física como também deseja ministrar um pleníssimo êxtase do espírito. Por outras palavras, a natureza não é mèramente uma invenção matemática, pois em todo o seu aspecto se estampa a generosidade profusa do Artista Divino.»

«Os poetas não são os únicos simbolistas. Também a natureza é simbólica. Quere ser interpretada não só como objecto de razão mas, à semelhança da natureza mais íntima da arte, como a proclamação sugestiva de verdades mais altas que ela mesma. Daí vem que a natureza esboça a carreira das almas e é a analogia material do espírito.»

«A arte é o reflexo da existência total.»

«Os produtos mais nobres da inspiração são maiores naquilo que sugerem que naquilo que realizam. Nas palavras de Emerson:—A nossa música, a nossa poesia, até a nossa linguagem não são realizações completas e definidas, mas sugestões.»

«Nunca saberemos quanto é que da beleza de natureza é devido à nossa própria constituição estética. As glórias da criação inanimada podem realmente referir-se aos belos dotes dos nossos corações. O mistério somos nós. É a consciência do homem que dá côr ao cosmos. A natureza humana transcende a natureza física.»

«É tão difícil conceber a transição da vida para o espírito, como a passagem da água para o vapor.»

«O artista vê a natureza tanto com os olhos como com o espírito.» «A tragédia da alma é de alcance mais profundo e mais dilatado interêsse que a glória do que é puramente físico.»

«Pôsto que espiritual na essência, a arte não pode deixar de ser sensual na manifestação. É simbolismo, não é substância; idealidade, não identidade. Por outras palavras, a arte não pode identificar-se totalmente com a realidade mas deve, na escala ascendente da beleza, colocar-se um degrau

distante do modelo que lhe excita a admiração e estimula as energias. Assim, é mais questão de aproximação que de apropriação absoluta.»

«A arte genuína não expõe, exprime; não argumenta, aspira.»

* * *

A ironia do destino, nem sempre propensa a aplanar-nos o caminho, quis que o poeta que dêste modo sentia, concebendo e servindo a arte nos termos em que McAlpin a conceber fôsse votado, por instância de suas aptidões técnicas a exprimi, a contemplação e a sua fé em linhas e côres. O vidente e o devoto exaltado das fôrças imponderáveis e supremas que regem a nossa alma e o mundo, ia ser coagido por vocação de suas faculdades inatas a exprimir os cânticos de uma religião na mais limitada e positiva das artes, tôda fundada em definição exacta, estabilidade e immutabilidade. Tinha de realizar o milagre que, por fortuna sua e nossa, realizou, de tirar do visual o sonoro. Porque a paisagem de Cândido da Cunha é muito mais sonora que visual; muito mais uma vibração que uma edificação; muito mais emanção do que forma.

Daqui as freimas incessantes com que o mortificava uma técnica indócil, por condição rebelde ao significado que o artista lhe pedia; daqui o fácil descontentamento do que havia feito, a emenda interminável em que se empenhava, a inclinação a inutilizar e recomeçar que aniquilou tanta beleza, com grave prejuízo da fama de quem a criou e da riqueza da nossa gente, que a entesourava e vê reduzida a herança de jóias de alto preço que a desvaneciam.

Sempre tendo na sua presença o poder da harmonia, que criou a forma e nela habita e de contínuo a faz palpitar, Cândido da Cunha não se resignava com a distância dêsses cimos inacessíveis a que tôda a arte se encontra, e parecer-lhe ia que quanto conseguia dizer e comunicar-nos,

era insuficiente, senão mesquinho, perante o que de inefável sentia no seu peito e não podia traduzir em substância visível. De todo cativa do que eleva o espírito à majestade divina e sacrificando-lhe, por mínimo, o que delicia os olhos e por afago da sensualidade nos prende à terra, a arte de Cândido da Cunha ia topar, com grande pena sua, em problemas pouco menos de insolúveis; quanto maior e mais evidente desenvolvimento concreto atingisse, quanto mais multiplicasse a côr e a linha, mais se afastava da immaterialidade por que ansiava. O seu êxito havia de o buscar e continuar em uma série de eliminações tão complexas e subtis como perigosas; havia de o fundar no desbaste do que era preciso e terminante, substituindo-o pelo que era vago e impalpável. Para bem cumprir os mandados íntimos da sua imaginação, impunha-se-lhe uma atenuação progressiva de valores, que o obrigava a difundir, em vez de concentrar e gravar. Se, repetindo o conceito de McAlpin, houvermos por sabido que «é tão difícil conceber a transição da vida para o espírito como a passagem da água para o vapor», aflito será para o artista renunciar à scintilação de cristalizações que lhe jorram do pincel, para as dissolver em uma neblina, aliás infinitamente mais luminosa e vibrante na sua insondável e mística profundidade que tôda a rigidez, diamantina que esta seja.

Na sua missão, na sua laboriosa missão sacerdotal, Cândido da Cunha, chamado a interpretar a paisagem e a dar-lhe voz, tornou palpável e insinuante o mistério, ergueu a carne ao mistério e fêz que o mistério baixasse à carne e a habitasse: numa palavra, por paradoxal e contraditória que semelhante presunção pareça, reduziu a forma à condição etérea.

Assim, por bem avisado e sábio govêrno de modelação, nas paisagens de Cândido da Cunha o volume sobreleva ao desenho, a tonalidade vela a franqueza afirmativa da côr, e onde o desenho e a côr afloram do alvor diáfano e se acentuam, firmando a modelação, será passageiramente e apenas para pela contigüidade de constrastes, acrescentar a amplitude e o amorfismo de uma atmosfera opulenta de melancolia e suavíssimo devaneio.

* * *

Desta submissão da arte a uma essência divina e suprema derivariam as pressões que em Cândido da Cunha amoldaram o carácter do homem ao carácter do artista. Da sua sensibilidade estética, da contemplação de uma natureza que é somente o rumor fugaz de uma outra natureza mais alta, insondável em seu poder e desígnio último, teria vindo a sabida modéstia de Cândido da Cunha. Foi no seu temperamento o facto lógico de uma psicologia indivisível. A intuição estética que lhe alentou e modelou a obra de arte, regrou-lhe o carácter moral e repassou-o de encantos, idênticos àqueles que nas suas paisagens nos enlevam.

A essa discreta reserva de Cândido da Cunha, quasi tímida, costumavamos chamar modéstia. Eu, porém, preferiria chamar-lhe humildade.

Porque a modéstia será talvez um sentimento de hesitação e interrogação, subentendendo a admissão de uma resposta laudatória; será a desconfiança transitória dos próprios merecimentos, por escrúpulos de consciência deixados à sentença do juízo alheio; será apenas uma rede de suspeitas que pelo receio imminente do desgosto de encontrar pouco relativamente ao seu desejo e esperança, não ouse sequer medir a sua obra, por segurança lhe atribuindo acanhadas proporções e dêste modo a colocando ao abrigo do vexame de um desmentido. Mas a humildade é rasgadamente afirmativa e convicta. Sabe, de certeza plena, que a suposta grandeza dos homens é nada, é sombra de uma sombra, perante os poderes sobrehumanos que regem o cosmos; e fortalecida pelo império severo desta visão, a humildade converte em submissão absoluta ao que e a quem é infinitamente maior que o mundo, quanto de amor próprio ainda resta na modéstia, nunca inteiramente desenganada do apetite de honras que no rumor das vaidades possam caber-lhe e desvanecê-la.

Disciplinado por essa obediência que o amor da paisagem e a sua estreita familiaridade lhe revelaram e insinuaram no

contacto de toda a palpação da natureza, Cândido da Cunha intuitivamente lhe transferiu a humildade para as relações com a sua própria obra e com os homens; a sua obra sempre lhe pareceria imperfeita, se a referia à grandeza suprema donde vinha e à qual queria representar, e no mesmo pendor e por idêntica sujeição o seu trato se tornou de uma suavidade extrema. Porque o próximo, letrado ou analfabeto que êle fôsse, fàcilmente lhe parecia grande e maior do que êle; como tal o respeitava e servia, como se menor fôsse em tôda a conjuntura, ainda mesmo quando um momento de justiça menos timorata de-pressa e completamente poderia assegurar-lhe que do seu lado estava tôda a superioridade de talentos e virtudes.

* * *

Assim havendo sido o artista e o homem, agora poderemos porventura explicar aquela enigmática e arrastada frieza que no comêço dêste rápido e claudicante exame apontamos, êsse surdo desprendimento que apartou das correntes da popularidade o nome de Cândido da Cunha.

Porque é manifesto que Cândido da Cunha, desde muito cedo venerado e admirado e amado por um reduzido número de espíritos de eleição que sem tardar lhe conheceram o mérito em toda a sua extensão, que grande é e por igual luminosa, Cândido da Cunha, não obstante os fachos da Beleza que o seu sacro fervor incessantemente acendia aos nossos olhos, viveu a distância, e não raro descuidadamente ignorado daqueles outros, muito numerosos, que para apreciar a vida carecem de a sentir proclamada nas trombetas da fama e só ao seu clamor se rendem inconscientes e dóceis.

Tinha boas razões, na realidade, êsse apartamento que alguns tomarão por escândalo mas que a austeridade mais conforme com a fatalidade do mundo julgará afirmação e um dos muitos sinais das bênçãos que lhe couberam e o distinguiram.

«Amei a justiça e aborreci a iniquidade. Por isso morro no exílio.» — Êste foi o lamento de Hildebrand, o Papa Gregório VII, ao considerar os seus passos de apóstolo e o duro infortúnio que os rematou. As suas lutas e a sua fé e o seu ardor em bem dos homens, vitórias e desastres e a honestidade religiosa dos mais nobres incentivos íntimos, conduziam ao exílio; êsse era o derradeiro abrigo a que a ordem do mundo os votava.

Mas não é sòmente o amor da justiça e a repulsão da iniquidade que nos traçam a estrada do exílio e nela nos precipitam. Ao exílio conduz quanto desprende o homem das escravidões da terra e o eleva à obediência dos poderes infinitos da espiritualidade; ao exílio vai tanto a alma religiosa que no Profeta de Assis sofreu a negação dos próprios filhos da sua alma, como o arrebatamento poético que condenou Camões à indigência. Só a qualidade do exílio é que difere, que não a violência do afastamento que êle determina. Porque exílio é o sequestro em cárceres fechados a ferros: exílio é o deserto e o ermo; e exílio é também a indiferença e o desconhecimento das multidões que, sem do seu grémio expulsarem o crente, à míngua de simpatia lhe erguem em tórno, onde quer que êle habite, muralhas altas de ingratição.

Bem-aventurados os que êsse exílio sofrem, porque, em prémio, em suas visões participaram da eternidade.

E essa foi também a sorte gloriosa de Cândido da Cunha.

JAIME DE MAGALHÃES LIMA.

Conferência lida no Salão Silva Pôrto
por ocasião da abertura da Exposição
de Quadros de Cândido da Cunha,
em 13 de Novembro de 1926.

CÂNDIDO DA CUNHA

DOS barcelenses do nosso tempo, subiram, culminaram, como nenhuns outros: D. António Barroso e Cândido da Cunha: um no Bem e outro no Belo.

Ambos emotivos, por excelência, sentimentais, serenos, calmos, atravessaram a vida sem espalhafatos e sem estridências, procurando aproximar-se da perfeição.

Um purista da língua escreveu que o «belo é mais humano que o sublime, por ser a reverberação flamejante do ideal».

¿E que poderemos dizer do Bem, que mais nos aproxima de Deus?

D. António foi um guardador de ovelhas, em Remelhe.

Cândido da Cunha, um modesto filho do povo, sendo seu pai o *mestre Cunha*, que, em música, se evidenciara aí quando da extinta Banda Barcelense.

Começou em tenra idade a mostrar a sua entranhada vocação, fazendo desenhos denunciadores de seu precoce talento de artista e de tal modo que El-Rei D. Carlos, tendo disto conhecimento, competente para *juiz na causa*, à sua custa estipendiou-o para que pudesse ir, como foi, para Paris, cursar as belas artes.

Nasceu o nosso homenageado na rua Infante D. Henrique, na casa que hoje é habitada pelo relojoeiro sr. Venâncio Fernandes Loureiro.

* * *

Pareciam irmãos gémeos o ilustre antístite e o insigne artista. Falando um, e pintando outro, eram de uma sinceridade e de uma probidade invulgares.

Em ambos se iluminava, como que misteriosamente, a fisionomia, quando um evangelizava, e quando outro pintava.

Sendo Cândido da Cunha um triste, sorria, se trauteava qualquer trecho de ópera da sua predilecção, quando pintava.

Morreu no último sábado e na segunda-feira seguinte (18 do corrente) nós, em nosso nome e no do Presidente da actual Comissão Administrativa de Barcelos, acompanhavamos os restos mortais de tão ínclito varão ao cemitério da Lapa, do Pôrto, onde sossegam para sempre os seus tristes restos mortais. . .

Era um agrupado selecto de admiradores pontificado pelo grande estatuário Teixeira Lopes.

* * *

A arte portuguesa perdeu nele uma figura de singularíssimo relêvo, e mesmo inconfundível.

Conhecendo nós os principais museus de Portugal e alguns da Europa, estamos nesta arreigada convicção.

O eminente crítico de arte José de Figueiredo, fazendo menção da valiosa compleição artística do nosso conterrâneo, num belo trabalho sôbre a última (?) exposição internacional francesa, salienta-o entre Malhòa, Columbano, Silva Pinto, etc.

* * *

Amigos de vulto, entre os quais o triste signatário destas linhas, vinham há dois anos influindo no ânimo do nosso

inditoso amigo para realizar uma exposição condigna do seu grande nome e, ainda a ultima vez que pisou esta terra—já meio indiferente ao mundo—abriu-nos a sua grande alma e comovido confessou-nos *o medo* de não poder satisfazer essa, então, maior aspiração da sua vida.

Lamentamo-lo profundamente, nós que, fugindo apavoradamente das abstracções numéricas, cultivamos subjectivamente aquilo que ainda nos pode fazer suportar a inglória existência; lamentamo-lo porque, tal qual como Eça, nos seus últimos livros, o artista cada vez mais nostálgico, mais seguro na sua técnica, refinara nas suas últimas produções!

* * *

Era um bairrista, não irritante, mas calmo pelo seu superior temperamento, e pela ilustração que a viagem dá.

O diploma que os Bombeiros Voluntários possuem e outros desenhos dispersos em cabeçalhos de gazetas e revistas da terra, demonstram que, mesmo com prejuizo próprio, não sabia usar da negativa quando se falasse na sua terra natal.

A capela do Santíssimo Sacramento, desta vila, possui um formoso lampadário em estilo renascença, devido a desenho da lavra do grande artista.

* * *

Pena temos não termos anotado todos os seus originais planos de aformoseamento da vila.

Recorda-nos, porém, da sugestão que em mim e no preclaro ex-presidente da Câmara, Dr. Miguel Fonseca, exerceu quanto a serem vestidas de trepadeiras as ruínas dos Paços dos Condes e Duques de Barcelos. O encanto que teriam as ruínas quando o pseudo-jardim que lhe fica ao lado tivesse algum massiço de arvoredos.

E tinha razão; pois, quem se coloca no Matadouro a fitar a vila para êste lado, sente uma desolação que as ruínas dão semelhando ossaturas monumentais. . .

Lá fora a vegetação alegre sempre as ruínas.

Não tendo tido uma larga cultura literária as suas perorações faladas ou escritas, tal qual como em D. António Barroso, tinham a elegância e a correcção simples, mas intensamente impressivas.

A. SOUCASAUX.

DE A OPINIÃO, DE BARCELOS,
DE 14 DE OUTUBRO DE 1926

CÂNDIDO DA CUNHA

FUI acompanhá-lo com alguns amigos à sua última jazida, no cemitério da Lapa, por essa formosa manhã de segunda-feira, de sol claro e luminoso, que talvez quisesse envolver com seus raios fulgurantes o corpo humilde do que foi cantor das suas lentas, repetidas e deliciosas agonias. Cândido da Cunha, em verdade, como já disse alguém, mais que um pintor, foi um poeta, o poeta da nostalgia e da saúde, o intérprete maravilhoso da alma dolente e sonhadora da raça.

Não falarei, por isso, dos seus quadros, que não sei apreciar tècnicamente, porque nunca fui, nem serei já agora, um crítico de arte. A pura arte—pintura, escultura, arquitectura, e até a música—agrada-me apenas ou desagrada-me, sem eu saber explicar a razão das emoções diversas que ela em mim produz. Agrada-me pela harmonia das linhas, pela suavidade dos tons, pela interpretação real e flagrante do modelo, da natureza, pelo aproveitamento e expressão de todos os elementos que a valorizam, e, principalmente, pela imaterialidade que dela se desprende, pela sua subjectividade, pelo seu simbolismo, pelo rigor com que exterioriza, em côres e em traços, em feições e em sons, os sentimentos mais recônditos do homem, a alma e a vida dos seres e das coisas.

E desagrada-me quando, ao seu conspecto, a minha alma não vibra, não sente e não estremece, quando ante meus

olhos perpassam apenas objectos inanimados, às vezes de formas perfeitas, mas sem movimento, sem vibrações e sem linguagem.

Ora os quadros de Cândido da Cunha agradavam-me soberanamente, não pela berrância das côres, que eram quasi sempre ténues, diluídas, semi-apagadas, embora duma suavidade deleitante; não pela variedade do assunto, que era tantas vezes uniforme e apenas variado nos aspectos; mas pelo que êles me diziam, pelo que êles em minha alma derramavam de suavidade, de emoção, de sinceridade, de devaneio, de ternura e de meditação. Porque êsses quadros obrigavam realmente a meditar.

Poentes e crepúsculos, fins-de-tarde maneirinhos e doces, começos-de-noite melancólicos e scismadores, em que apetecia desprender-se a gente da realidade esmagante, da matéria rude, e vaporizar-se, e volatilizar-se num sonho alado pelo espaço, em busca doutros mundos mais calmos e perfeitos, onde o espírito se pudesse abismar e fundir na contemplação e na essência do grande Todo. . .

Ao ver enterrar Cândido da Cunha, e ao recordar a sua admirável obra, talvez incompreendida, à mente me acudiram estas quadras dum alto poeta novo, Aires Torres:

*Ansia de luz, de longe, ânsia tamanha!
Erguei-me, levantai-me ao infinito,
Nos vossos ombros duros de granito,
Ó fragas, fragas altas da montanha!*

*Quero subir, subir, subir ainda!
Estrêlas d'ouro, dai-me a vossa mão!
Quero subir... onde é, meu coração?...
Alma... infinito... A aspiração não finda...*

*O sonho na minha alma vai morrendo...
Sinto frio cá dentro... tão sósinho!
Ó noite! ó noite! ó noite! O meu caminho?...
— E humilde, e pequenino, vou descendo.*

Humilde e pequenino também êle desceu à cova, não esquecido, sem dúvida, mas quasi tão abandonado como vivera. Abandonado, e simples, e obscuro, porque a arte apenas lhe alimentou a fogueira sagrada do ideal. O seu nome perdurará, porém, na recordação de todos que, sôbre o fogo extinto do passado, conduzidos pelo fio da Saüdade, quiserem seguir o caminho de uma Pátria nova, e renascida, e vivificada.

FRA ANGÉLICO.

DO *JORNAL DE NOTÍCIAS*
DE 20 DE OUTUBRO DE 1926



CÂNDIDO DA CUNHA

O ADMIRÁVEL pintor findou no sábado, ao anoitecer, a sua cruciante agonia; e eu tenho de rever, já hoje, o significado moral da sua obra, explicando a sua sinceridade e mostrando como ela foi o reflexo de um temperamento delicado e de uma impressionante sensibilidade de intimista.

Raras vezes se terá podido observar, em conjunto, um grande número de quadros de Cândido da Cunha; e, contudo, ele pintou imenso. Nos últimos meses, projectava fazer uma exposição, e trabalhava persistentemente para ela; mas iam ao seu *atelier* os coleccionadores, e os quadros desapareciam rapidamente, levados pela gula dos mais exigentes.

A exposição será contudo um caso em que podem pensar ainda com amor os seus melhores amigos.

Conheci Cândido da Cunha, há perto de trinta anos, no *atelier* do meu amigo, o ilustre pintor José de Brito. Impressionou-me a sua figura doentia, o seu aspecto quasi tímido, a sua barba curta e sem exuberância. Ouvi-o falar de arte, numa voz lenta e pausada, com uma gesticulação característica, despretenciosa. Dava-me a impressão de que trazia consigo, a atormentá-lo permanentemente, um grande sonho doloroso. Expressava-se, em regra, sem entusiasmo, pondo no seu convívio observações hesitantes e obstinadas reservas. Só uma vez, na Misericórdia, o vi exaltado, a defender calorosamente um desenho de Sousa Pinto, que

outros não haviam considerado superior. E fazia-o com uma convicção tão rara, como se o nome dum artista grande o forçasse a essa atitude estranha.

Há anos, encontrei-o em Coimbra, atraído pela paisagem do Choupal e do Penedo da Saüdade, olhando os olivais com um sentimento de reconcentrada tristeza; e a sua melhor obra de paisagista deixa de facto entrever essa nota melancólica, que dá o maior relêvo moral à sua arte.

Cândido da Cunha era o pintor comovido e religioso das horas crepusculares, dos arvoredos tranqüilos, ao sol pôsto, das águas em que mal perpassa o arrepio friorento das aragens. Certos dos seus aspectos picturais de Águeda, terra em que por mais duma vez se fixou, são verdadeiramente impressionantes e encantadores. Êle sabia, como ninguém, comunicar às tintas a amargura que, ao aproximar-se a noite, a natureza transmite às almas, mais inclinadas à tristeza. Por isso, a sua pintura, como os seus desenhos, têm um carácter essencialmente dramático. A inquietação, que Mauclair gostava de encontrar na obra de arte, como característica de tãda a originalidade, estremece freqüentemente nos mais belos quadros do grande paisagista. Em alguns dos seus ensaios a carvão, o poder dramático da sua sensibilidade assume, por vezes, uma rara expressão evocadora. Vi-lhe, um dia, um dêsses ensaios admiráveis, de profundo subjectivismo, e compreendi quanto a obra de Cândido da Cunha ganhava moralmente em ser estudada em tãdas as fases da sua evolução. Tratava-se dum desenho magnífico, representando um terreno agreste, por onde seguia um rebanho, acompanhado do pastor. A luz ia morrendo brandamente na paisagem serrana, e as sombras envolviam de leve os animais, comunicando ao quadro uma expressão de angústia impressionante. A sensibilidade rara e quási doentia de Cândido da Cunha estava nitidamente escrita nesse pedaço de papel, em que o artista nos fazia a confidência espontânea da sua emoção.

Como pintor, êle era essencialmente um lírico, de nobre feição elegíaca, um intimista e um concentrado, que, mesmo

interpretando a natureza, sabia reflectir um pouco a sinceridade do seu drama interior.

Compreendia, como Amiel, que a paisagem é sempre um estado de alma, e que nenhum pintor honesto pode esquecer que, além da técnica da arte, para interpretar a vida intensa da natureza, é indispensável uma alma delicada que saiba sentir tôda a grandeza moral da sua vasta dramatização.

Êle poderia repetir com Corot, irmão gémeo da sua sensibilidade, êstes preceitos fundamentais do artista:

«Sôbre a natureza, procurai primeiro a forma; depois os valores ou relações dos tons, a côr e a execução; e fazei dominar tudo pelo sentimento que experimentastes. O que nós sentimos é bem real. Diante de tal lugar ou de tal objecto, a nossa comoção é abalada por uma certa graça elegante. Não abandonemos nunca essa impressão recebida, e, procurando a verdade e a exactidão, não nos esqueçamos de lhe comunicar essa tonalidade que nos feriu. Não importa que lugar ou objecto: submetamo-nos sempre à primeira impressão. Se fomos realmente abalados, a sinceridade da nossa emoção dominará tôdas as outras impressões.»

E Corot, que transmitiu à sua obra uma parte considerável da sua intimidade moral, podia bem fixar êstes preceitos, dominadores de tôda a Arte.

Em Cândido da Cunha, a sensibilidade era também a grande nota dominadora; e o carácter pessoal dos seus quadros revela, no mais alto grau, a nobreza emotiva com que os sabia pintar.

Um fundo de elegância, de distinção e de amável confidência encontra-se sempre na sua Arte, até quando a consideramos apenas tècnicamente. Isso demonstra a sua invulgaridade e assegura a porção de beleza subjectiva que ilumina e vivifica poderosamente os seus quadros.

Debaixo dêste ponto de vista, a admirável tela *O Viático*, que appareceu em uma das suas primeiras exposições, era já um documento impressionante. Assim, temos de concluir que, se a França e a Itália—em cujos museus e escolas aprendeu a manejar as tintas—o adestraram nas maiores

dificuldades materiais da Arte, a sua sensibilidade permaneceu intacta.

De quando em quando, Cândido da Cunha procurava generalizar as expressões da sua paleta, tornando-se um pintor de gamas mais alegres; mas se os seus nobres escrúpulos de artista o faziam sair quasi sempre vitorioso dessas tentativas, a verdade é que a própria emoção, que foi reveladora na sua obra, denunciava o constrangimento que êle encontrava em tratar temas, que não estavam moralmente na habitual expressão do seu temperamento.

Assim, Cândido da Cunha ficou essencialmente um pintor de tonalidades tristes. Temos de o considerar uma alma delicada, de notas docemente nostálgicas e religiosas.

Até a sua obra de decorador é, na sua elegância e na sua estilização procurada, um rigoroso documento moral.

Quando um artista consegue encontrar uma tão íntima relação entre a sua arte e a sua vida, temos de reconhecer que êle prestou à Beleza o culto mais nobre e mais impressionantemente humano. Dêsse modo, nunca mais será possível apagar nas suas obras a marca pessoal que nelas indelêvelmente deixou.

Há, na maioria das suas paisagens crepusculares, uma expressão de quietude silenciosa, de brando recolhimento doloroso, de amorável e terna evocação. É a sua alma de bondade que comunica connôscos. Ela ensinar-nos há, na lição impressionante e amarga, que tantas vezes traduz, o drama inquieto, a fremente ansiedade de um coração que, sentindo profundamente a Beleza, morreu talvez na angústia de não poder ter arrancado à vida a sua última revelação.

JOAQUIM COSTA.

DE O PRIMEIRO DE JANEIRO
DE 21 DE OUTUBRO DE 1926

O PINTOR
CÂNDIDO DA CUNHA

O DESAPARECIMENTO dum artista de verdadeiro talento causa-me sempre uma profunda tristeza. E quando êsse artista havia atingido a plenitude da sua arte, e marcado um lugar de honra entre os seus contemporâneos, a sua falta é insubstituível, porque êle levou consigo uma individualidade que se não repete, a não ser nos processos subalternos de imitadores.

Em Arte é necessário ser alguém — e não é com truques e habilidades técnicas que isso se consegue. É com temperamento, é com uma real sinceridade emotiva, que deixa palpitante nas obras como que o retrato espiritual do artista. Para isso é indispensável certamente saber realizar; mas é também indispensável que essa técnica não seja apenas a mecânica ágil, e até muitas vezes brilhante, de certos virtuosos impassíveis.

Cândido da Cunha, o pintor eminente que acabamos de perder, e que me sugere estas linhas ligeiras, tam cheias de saúde, era um singular temperamento de paisagista. Os quadros vinham-lhe impregnados da sua vida interior. Era um contemplativo, um sensitivo cujo lirismo melancólico preferia as meias-tintas nostálgicas aos fulgores peninsulares e deslumbrantes. A nota dolente e espiritualizada das cousas solicitava sobretudo os seus pinceis — porque era ao condão dessa luz de revérberos opalizados e de oiro triste que

despertava na sua alma o esvoaçar amoroso das emoções mais íntimas... Era a essa luz, às vezes de balada, que a flôr misteriosa do sonho lhe desabrochava no peito — como as ninfêias brancas abrem à flôr dos lagos. Na essência, êste notável artista é forçoso irmaná-lo aos nossos bardos de elegia, onde canta sempre divinamente o rouxinol de *Menina e Moça*, e por entre frouxeis de nuvens de crepúsculo, que se diriam um enorme jardim de crisântemos de oiro a desgrenharem-se, a lua surge enamorada e melancólica.

O admirável e enternecido paisagista pertencia a essa ala de trovadores nativos, que enchem deliciosamente de saúde os nossos romanceiros e os nossos cancioneiros. Pintava, em vez de fazer versos. Estava autênticamente na corrente lírica de Portugal — sem desvios nem atitudes que perturbassem o seu modo de ser estético. Senhor do seu *metier*, executante seguro e destro — como provam também os excelentes retratos que nos deixou e as suas composições — Cândido da Cunha pintaria fâcilmente certos efeitos de luz vitoriosa e crepitante, à maneira dêsse incomparável e malogrado algarvio que foi Henrique Pousão, ou os mais variados aspectos da nossa terra nas suas luxuriantes magnificências. Essa sua obra teria perdido, contudo, em vibração, em sinceridade, em originalidade. Nesta prodigiosa paisagem portuguesa, tam opulenta de aspectos e de tintas, escarpada e rude ou florida e doce como uma écloga de Diogo Bernardes, com planuras imensas de charneca que lembram sonhos de amor irrealizáveis, com olivedos argênteos de melancolia bíblica, desgraçadas urzes, tapetes roxos de olaias que se esfolham, moitas claras de rosas para idílios — Cândido da Cunha preferiu sempre, escolheu sempre carinhosamente as paisagens que lhe faziam bater o coração. E essa foi a razão do seu maior triunfo. Não se deixou influenciar por teorias e modas efémeras, que levam bastas vezes os artistas às mais arrevezadas complicações de processo, e a falsearem até o próprio gôsto, contrafazendo a sua sensibilidade. Como se disse de Corot, como se disse de Millet, o nosso artista pintou sempre a mesma natureza — porque era a que êle

amava... Vem daí a sua nota tam dominadora e tam sua. Vem daí a sua consagração.

Raros souberam dar-nos com tanto enternecimento, com tanta poesia e artística simplicidade o que na natureza despertasse estados de alma vagos e melancólicos. No oiro triste dos seus quadros, em que a foice da lua aparece, adeja sempre um frémito de indefinível lirismo. Dir-se há que sentimos cair docemente das árvores aquelas fôlhas de Outuno, de que fala Rostand:

*«Les feuilles! Elles sont d'un blond vénitien.
Regardez les tomber. Comme elles tombent bien!
Dans ce trajet si court de la branche à la terre,
Comme elles savent mettre une beauté dernière,
Et malgré leur terreur de pourrir sur le sol,
Veulent que cette chute ait la grâce d'un vol!...»*

As horas em que as linhas se esfumam, e a vida é feita de sombras misteriosas e de penumbras luarizadas, soube exprimi-las divinamente o nosso artista. E o seu luar escorre como lágrimas do céu nas lágrimas dos rios...

Fêz a pintura fluida, soprou-lhe alma. Sem a grandeza bíblica do mestre de Barbizon, que lembra Tolstoï, os quadros de Cândido da Cunha envolvem-nos num halo etéreo de sonho resignado, em que os próprios sorrisos da luz trazem tristeza... É assim que sonham os poetas de Portugal.

* * *

A morte dum artista!

Quantos sonhos esplêndidos, quantas aspirações entrelaçadas de esperanças e de fundos desalentos não vão levadas com êle para a voragem da morte—a «deusa silenciosa», que ao mesmo tempo é a grande niveladora incorruptível! Não é preciso que o artista seja moço, para que eu veja sempre nas rosas com que lhe enfeitam o ataúde um símbolo

perfeito das suas quimeras bem cedo desfolhadas — como irão ser em breve êsses molhos de flôres.

Não há para criar maravilhas como a fantasia irisada de artistas que sejam poetas. ¡Que fantásticas cidades de Ilusão e de Beleza não andam êles a construir pela vida adiante — como se a vida fôsse um doce e lento vogar para um país de magia, e não êste cruento resvaladoiro de torpezas, esta emboscada sinistra de feras esfomeadas!

Não há nenhum, de profunda ou subtil sensibilidade, que não tenha deixado esfarrapar-se a alma nas sarças bravas dum caminho de suplícios. Êle é, na realidade, como alguém já disse, aquele ingénuo visionador que lança uma escada às estrêlas, e vai subindo, subindo, a tocar violino. . .

Na ascensão, o mundo afigura-se-lhe alguma coisa edénica, como todo êsse espaço monótono e infindável se lhe afigura azul. . . ¡Pobre visionário, cujas quimeras de cristal, ao caírem do alto, se estilhaçam nas lages ou se afundam em lodo!

O artista que verdadeiramente o seja — não falo aqui de gozadores triviais ou de quinquilheiros que andem pelas praças a apregoar os seus produtos de pacotilha — pertence ao grupo dos homens desventurados. Ainda ontem todos ouvimos aquelas palavras de Anatole rodeado de opulência, acarinhado de glória, na exuberância duma velhice sadia e triunfante: — «¡Nunca tive um dia, uma hora de felicidade!»

¡Que dizer daqueles que viram sumir-se em fumo as suas aspirações, na angústia crescente de realizar uma obra que se lhes esfrangalhava nas mãos convulsas e crispadas, como as dos náufragos agonizantes! ¿Lembram-se ainda do pobre Augusto Santo?

¡Que dizer dos que, em pleno génio e diademados de astros, se deixaram empolgar pela garra fatídica dos velhos grifos, sempre na pungente ansiedade duma beleza maior, duma bondade e duma harmonia quiméricas! ¿Recordam-se de Antero e de Soares dos Reis?

Cândido da Cunha não pertence certamente a êsse número de descontentes trágicos, de vencidos do Ideal. Os

seus desânimos e as suas mágoas de sensitivo foram, como andorinhas batidas do granizo, abrigar-se no refúgio amoroso da sua arte admirável de Paisagista — telas magistrais que são em grande parte uma auto-biografia moral, em que se espelha a sua alma de monge resignado e triste. Amou, sofreu, pintou... A Arte foi-lhe ainda um lenitivo suave, como são afinal, no seu ritmo tantas vezes doloroso e ansiado, os soluços dos nossos poetas elegíacos.

JÚLIO BRANDÃO.

DE O PRIMEIRO DE JANEIRO
DE 24 DE OUTUBRO DE 1926

CÂNDIDO DA CUNHA

F ALECEU há dias, no Pôrto, êste notável pintor, que foi dos mais pessoais, delicados e impressivos paisagistas da sua geração. O seu nome não foi daqueles que uma larga popularidade divulga e torna familiar do grande público. Era um modesto, de índole concentrada, meticuloso no seu trabalho, amando a sua arte por ela mesma, não sabendo *comercializar* a sua obra, tendo a aversão do exhibicionismo e da parada,—espécie de artista-monge, todo intimamente enlevado no culto místico da beleza.

Pouco expansivo, melancólico, silencioso, o seu exterior de tímido, de retraído, não correspondia à alta valia intrínseca das suas faculdades de artista e dos seus grandes dotes morais. Porque, ao talento, reunia um grande coração de fina sensibilidade e um probo e recto carácter.

Esta compleição psicológica reflectia-se na sua obra. Raramente, nas suas telas, se encontrarão notas estridentes dum naturalismo dionisiaco, flamejantes apoteoses solares, rutilâncias policrómicas, movimento, agitação, a febre da vida. São, porém, vulgares as suavidades vespertinas, os dilúculos penumbrosos, as agonias da luz, os palores dum céu em cuja doçura opalina frouxamente brilha a lâmina curva do crescente.

Essa era, de facto, a sua nota pessoal, êstes os seus temas predilectos. Cândido da Cunha foi, sobretudo, o

pintor dos crepúsculos. O pintor e o poeta, podemos dizê-lo, porque a emoção era uma das fôrças da sua arte e do seu temperamento. Sentia todo o encanto dos poentes esvaídos, o saúdoso mistério do anoitecer, as serenidades contemplativas dessa hora divina em que o *angelus* paira como o ai derradeiro do dia moribundo. Adorava as meias tintas, as côres mortas, os tons esvaídos, todo o vago de sonho da paisagem, semi-velada pelas sombras da tarde.

Êsses aspectos da natureza, poucos os traduziram com a intensidade sugestiva, com a fidelidade de realização de que o seu fino pincel parecia possuir o dom e o segrêdo.

Muito meticoloso, não tirava a mão de cima duma tela emquanto a sua consciência lhe não dissesse que nenhum traço, nenhuma pincelada, nenhum retoque ainda havia a dar-lhe. Por isso a sua produção foi sempre moderada, contida, lenta, a-pesar-de contínua,—*pauca, sed bona*.

A doença, que, há muito, minava o seu débil organismo, agravou-se-lhe quando justamente preparava uma importantíssima exposição de seus trabalhos, quadros antigos e recentes, telas acabadas, estudos e esboços. Essa exposição, apenas adiada pela sua morte, já êle a não verá, infelizmente! Mas a sua personalidade de artista sairá dela consagrada, numa glorificação póstuma.

Conheci-o há longos anos, desde que, regressando de Paris, onde completara a sua educação artística, fêz no Pôrto a sua primeira e já notável exposição. O conhecimento degenerou em amizade; e esta me deu largo ensejo de apreciar tanto o homem, como, desde a primeira hora, apreciara o artista.

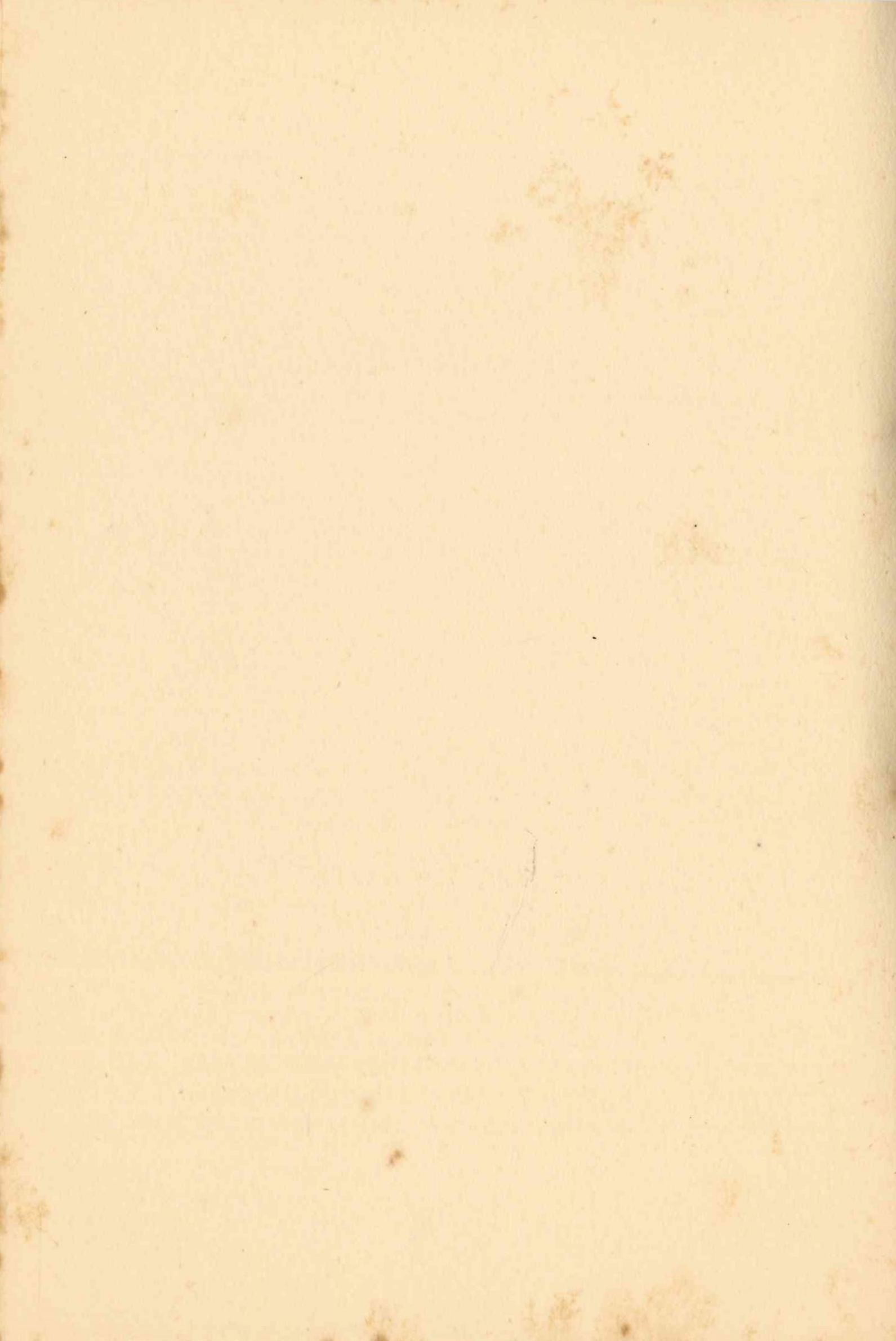
Era uma alma delicada e boa, capaz de tôdas as dedicações, grato e fiel nas suas amizades, um carácter firme, firmemente arreigado aos seus princípios e às suas convicções. Monárquico desinteressado, pois jámais coisa alguma quis da Monarquia, na sua inabalável fé política se manteve sempre

e nela acabou sem a menor vacilação na esperança de melhores dias.

A arte portuguesa está de luto e de luto está o coração dos seus admiradores e amigos, entre os quais me honro de ter tido um lugar.

LUÍS DE MAGALHÃES.

DO *CORREIO DA MANHÃ*
DE 30 DE OUTUBRO DE 1926



CÂNDIDO DA CUNHA

QUIS a devoção de alguns amigos piedosos e certos que a poucos dias da morte dêste artista ilustre, o grande público anónimo, atento ou indiferente, mas sempre público, pudesse saber o que êle foi na vida e porque é que quantos o conheceram comovidamente o choram. Antes de morrer, contam-me que êle dissera: «Levo muitas saüdades!» Os amigos que organizaram a comovente exposição do Salão Silva Pôrto, parece quererem responder-lhe na exhibição da própria obra, que só nos diz: «Sim! Deixa muitas saudades!» E realmente as quási duas centenas de quadros que a exposição encerra são tôdas feitas de saüdade, marcada na impressão viva e profunda que o artista soube transmitir ao nosso espírito para nos dizer que depois de traduzido na sua tela o que a natureza tem de melancólico e perturbador, os seus olhos ficaram ainda longamente a fitar no vago a silhueta, a côr, a evaporação e a tristeza da hora que foi luz e da luz que se esbateu em sombra.

Diante dos quadros da Exposição, tão carinhosamente dispostos, não é difícil ao observador e ao crítico conhecer com segurança de que sensibilidade e de que recolhimento era feita a alma dêste contemplativo e a candura dêste comovido intérprete dos aspectos plácidos e das côres das Avè-Marias. Das suas preferências avalia-se pelos próprios títulos dos seus quadros — *Nascer da lua, Ao fim da tarde,*

Ao declinar do dia, Luz crepuscular, Paisagem de outono, Dia triste, Ultimos raios de sol, Poente, Dia de chuva, Fim do dia, Efeito de luar, Ao aproximar da noite, Tarde melancólica, Levantar da lua, Tranqüilidade, Noite, Impressão de noite (Notre Dame de Paris), etc. Mas mais do que os títulos, os quadros mesmos dizem na mais sentida, na mais religiosa das suas expressões de realização como o artista foi, nos encantos da verdadeira intimidade do seu espírito, o mais fiel e permanente enamorado da tristeza. Nos próprios trabalhos em que os esplendores da vida triunfante e aliciadora se procuram traduzir, como na *Primavera*, o artista parece transigir por complacência, porque no fundo é ainda a tristeza que sorri.

Outra feição da arte de Cândido da Cunha reside no seu grande escrúpulo de realização e no perfeito equilíbrio das notas revividas. Não há um desleixo, uma precipitação, uma falha que escapou. Tudo é reflectido e cuidado e em tudo vive marcado e seguro o perfeito predomínio da técnica, que é sempre a de um pintor que sabe pintar. Êste saber e esta escravidão ao perfeito podiam, noutro temperamento menos delicado e menos sensível, conduzir ao mecânico e ao amaneirado que é sempre o perigo dos virtuosismos que se deixam narcisar. Cândido da Cunha soube conhecer êsse perigo e aquilo que na sua obra pode haver de uniforme deriva da uniformidade da Natureza mesma,—esta Natureza admirável que sempre nos deslumbra e é sempre igual e variada sempre!

A Exposição é, em summa, de um supremo enlêvo de espírito, e quando a deixamos parece que trazemos a acompanhar-nos a alma dolorida do mais encantador dos poetas das horas crepusculares.

GUEDES DE OLIVEIRA.

DE O PRIMEIRO DE JANEIRO
DE 16 DE NOVEMBRO DE 1926

CÂNDIDO DA CUNHA

A LUZ sem brilho da abertura lateral apenas alcança os pés do leito onde o enfêrmo se estende, quási na posição da morte, a um canto do quarto desnudo; minuciosamente modela o dorso curvado do médico, fazendo-o avultar sôbre o fundo de sombras que se adensam à cabeceira; e vai bater de frente na figura em que se concentra todo o amargo da tragédia humilde: a mulher do povo, de pé, com o pequeno nos braços.

Aqui está um carvão bem representativo da pessoa artística de Cândido da Cunha. Nele se torna evidente a apurada observação dos volumes, a ânsia do escrupuloso acabamento, a experiência do artista na posse de todos os recursos do preto-e-branco. Dos seus fortes *nus* de escola à paisagem, à scena de género, ao retrato, a qualidade flagrante, a que primeiro se impõe, é a honestidade do desenho. Por vezes, a mão beneditina do desenhista, levada por um esmêro de nitidez a decompor a luz em gradações de penetrante figura, atinge conjuntos de harmonização muito delicada: assim, por exemplo, no interior em que uma réstea de sol entra oblíqua, quebra sôbre a toalha, acorda tonalidades afins nas flores do vaso, e delas como que irradia, com a maior frescura, por todo o aposento. Outras vezes, uma indicação mais incisiva e sumária seria bemvinda, é certo — comentário extensivo a boa parte das suas obras; mas,

em tantas outras, a sobriedade do efeito equilibra-se com a agudez analítica da visão.

A última visita (dêste modo poderemos intitular o carvão a que aludíamos) ainda por outro motivo é característica do temperamento do pintor. Eram-lhe dilectos os assuntos pungentes, doentios: o viático, a viuva, a mulher que se abandona a uma dôr sem desespero. O traço mais aparente, e por isso o mais notado, da sua psicologia, é com efeito a reconcentrada melancolia, o prazer de se apegar aos estados de espírito deprimentes, de os aprofundar, de os revolver amorosamente. Veremos como a real originalidade da sua emoção e, com o tempo, os frutos do seu apaixonado estudo da natureza, na sua fase mais encantadora o libertaram dêste romantismo congénito, ou quando não, como nas mais notáveis das suas paisagens crepusculares, lho depuraram, orientando-o no bom sentido.

É que a doença, da mesma sorte que gera esta religião das coisas tristes, também em dada altura, e com terrível firmeza, sacode a um frémito da sua asa presaga, êste ambiente confinado e falso, para arrancar ao verdadeiro artista o brado, finalmente sincero, de saüdação à luz, à alegria, à vida. Na obra dos que morreram antes do tempo, é muito raro faltar o amálgama que não engana, do negrume precursor com o tema do desejo insaciável. As paisagens mais raras, desvenda-as a natureza aos olhos que vão fechar-se. ¿Que admira a preferência do pintor, nos últimos tempos, pelas tonalidades ardentes? ¿Porque há-de surpreender-nos certo óleo em que os tons mais abrasados do encarnado proclamam o seu deslumbramento perante o milagre do mundo visível? Mas, dir-se há, nem essas são as suas melhores obras, nem as mais características, marcando-se até essa tendência em alguns dos seus *pastels* mais fracos. Embora! é êsse próprio ardor de viver, êsse hosana à vida, à vida em que apetece morder como num belo fruto, que ajunta aos seus mais intensos ocasos um tão patético travor.

Há na mocidade do artista uma época que muito bem contrasta com o pêsso da ideia obsidiante que, difusa ou

consciente, entristece tantas das suas telas. Comparem-se entre si os pequenos quadros cheios de distinção que o pintor datou entre 1897 e 1899. Numa lindíssima *Pochade (rua da Rainha)*, note-se o delicioso colorido, a fina e matinal viveza de impressão, a subtil harmonia dos seus tons claros. Ponham-se a par dela as notações colhidas em Paris: tal pitoresco recanto, estoutra movimentada e lacónica scena do *Boulevard Montparnasse* duplamente iluminada pelo sol que se esconde e pelos candieiros já acesos; e também aquele *Carnaval de Paris*, com a sua estimulante, sêca atmosfera bem parisiense a alongar-se, transparente, até às nuvens franjadas de sol para além das fontes decorativas, esbeltas sôbre a multidão. Agrupe-se ainda com estas a sóbria e espontânea *Feira de Barcelos*. Em tôdas as obracinhas citadas, nas de Paris e nas que pròximamente as antecedem ou lhes sucedem, encontra-se evidente ar de família, que pode caracterizar-se pela simplicidade dos meios de expressão e pela vibratibilidade sadia. Adivinha-se nelas a confiança do artista que alcançou uma primeira maturidade, que se sente emfim a caminhar por si nos caminhos da arte, e ao arriscar as primeiras audácias junta ao prazer da visão pessoal, o que lhe proporciona a sua ainda jovem maestria. Contraponha-se a qualquer destas pequenas telas, uma das ulteriores: seria contrapor uma página de Cesário Verde a outra de António Nobre. O autor veio a produzir obras de ideação mais rica e impressionante. Talvez não mais haja revelado, como nesse momento escolhido, o aristocrático dom do gôsto.

Foi um oásis, brevíssimo, de naturalidade e de sereno encanto. Um instante o artista viveu entre os humanos. D'ora-avante cada dia mais acentuará o seu afastamento dos que hão-de viver. Engolfa-se na grande solidão para que o atrai, por fim soberano, o pendor inato. Tôdas as suas paisagens, ainda as mais idílicas, velam-se saúdosamente. O silêncio torna-se a alma dos seus quadros. E se, muito longe, *Ao declinar do dia*, qualquer coisa indistinta roçou, rasgou um sulco ondulante no escuro veludo das águas, lá do fundo essa vibração vem atravessando todo o quadro,

como uma sonoridade de Angelus atravessa uma atmosfera muito tranqüila.

¿Poder-se há circunscrever, na diversidade da obra, a nota individual do pintor, definir a paisagem «à Cândido da Cunha?» Mais do que em nenhum outro género, o seu talento poético revelou-se num tipo de assuntos que tratou com significativa insistência, não em simples réplicas, mas como indagações, sempre recomeçadas, dum problema de arte que o absorvia. E êsse género foi, sem dúvida, o da paisagem fluvial de contornos lentos, imersa na luz verpertina. Contornos lentos que se desviam para o longe, agora êste, agora aquele, como apontando para o drama que acabou de consumir-se. Dir-se ia que não se trata da morte do sol, mas da nossa, e que na verdade é êste o nosso último poente. Sem embargo, até a carregada tristeza que se aquieta na opacidade das margens oblíquas, essa mesma se reveste de não sei que sombria opulência. Sim, tudo se impregnou de doçura. A curva do rio é um afago muito demorado. E a luz de além-horizonte, luz quási de outro mundo, vem ferir no primeiro plano um acorde de êxtase na superfície das águas desfalecidas. Ah! ¿donde vem esta aspiração que não conhece limite? Afoguem-se as águas, respondem à claridade dos céus, como um último apêlo, última esperança terrestre, a interrogação eterna do homem diante do grande véu.

Então se compreende que o pintor, ferido de morte, se esquivou ao comércio dos homens para dizer, no recolhimento do seu coração, um veemente louvor da vida.

CARLOS MANUEL RAMOS.

DA *ILUSTRAÇÃO MODERNA*
MÊS DE NOVEMBRO DE 1926

CÂNDIDO DA CUNHA

SUBJUGADO o nosso espírito pelo tristíssimo acontecimento da morte do notável artista português, hoje objecto de póstuma homenagem nas páginas desta Revista, que êle cordialmente acariciou até ao início da tremenda agonia, mal podemos entrar em juízos apreciativos das obras que êle legou às sucessivas gerações de profissionais e amadores.

Moralmente, não foi Cândido da Cunha, homem de opiniões contidas, como era fácil verificar-se; a franqueza de crítica criou-lhe, como é natural, adversários, e alguns bem ilustres, mercê das suas arreigadas convicções artísticas. Propenso a afirmações categóricas, por vezes contundentes, quando não conflituosas, lutou pela proibição da Arte que êle reverenciara como místico sacerdote, nunca transigindo com certos desregramentos da moderna orientação.

Era um carácter firme, tanto no dizer como no proceder.

A Pintura, que é uma arte indiscreta, a mais reveladora da idiosincrasia de cada autor, define-o poderosamente como equilibrado e atreito a invariabilidades de concepção e de execução. Persistindo nas mesmas ideias soube evitar o *maneirismo*, que é a condenação dos artistas que param na marcha para o Ideal. Essa rara virtude conferiu-lhe direito a insofismáveis considerações e, por conseqüência, a uma real e extraordinária consagração.

Foi, com efeito, benévolo para certos colegas, por consciência absoluta do seu valor; não era um obcecado, nem levianamente inclinado a laudatórias e gratuitas apreciações; foi isto do domínio dos que o rodeavam em familiar convívio.

Quem estas linhas subscreve manteve com Cândido da Cunha uma intimidade de trinta anos, tempo mais que suficiente para vasto conhecimento do seu feitio moral e intelectual, podendo, por isso, rubricar juízos seguros, a-pesar do risco que tal representa.

* * *

Em Plástica é necessário desconfiar das belezas literárias filiadas em narrações pouco concretas. O que o pintor sobretudo deve aceitar do poeta é o que êste visualizou com clareza nos espectáculos da vida.

O pintor combina, coordena, concilia linhas e formas, que pouco depois realça com tintas para completo significado. A beleza óptica, agradando aos olhos ávidos de sensações de côr, conjuga-se, em geral, com a beleza moral que corresponde, por seu turno, ao sentimento. Tratando-se duma obra decorativa, e êste ideal está vogando na corrente hodierna, a primeira das citadas belezas basta para satisfação dos fins *à priori* assentes.

Cândido da Cunha optou pela representação das scenas crepusculares, alcançando nesta especialidade a junção das duas apontadas belezas.

Talento simplificador, insaciável na eliminação de pormenores, parasitários em seu conceito, tudo para alcançar grandiosidade de efeitos, preferiu para tal as horas do sol declinante em dias de outono, que a sua doirada paleta, de sombras transparentes, poeticamente amplificava em colorido e majestade rústica.

Era um sincero devoto dos grandes antepassados da Arte. Na paisagem, contemplava com religiosa emoção os quadros de Millet, de Daubigny e de Chintreuil. O cenáculo artístico de Barbizon encheu-lhe o espírito de calorosos projectos, que só uma longa vida lhe permitiria pôr em prática.

¡Quantas desilusões, por fim, coroam a nossa pobre existência!...

Em conjunto, a obra do inspirado artista mostrava grandes afinidades com a do famoso e mágico Cláudio Lorrain.

O sol do meio-dia, evidenciando em excesso minúcias de difícil aliança pitoresca, além das características descolorações e cruezas próprias do nosso clima meridional, não lhe facultava quadros de interêsse pessoal, e quando os intentava, por experiência, sentia-se contrafeito, fora do seu elemento.

Na escolha dos assuntos era êle extremamente exigente; percorria, por isso, enormes distâncias, comprometendo por esta maneira a sua delicada constituição física; fazia sacrifícios matutinos para obter trechos que também muito lhe falavam à alma plena de sentimentalidade e de ternura.

Cândido da Cunha cristalizou numa forma de arte muito da simpatia do público, a-pesar da superficialidade dêste na visão geral das obras. O fundo da sua produção era todavia digno do aprêço dos entendidos: para êstes havia ideias e havia *métier* a considerar, simultâneamente.

Um dos elementos componentes dos seus motivos foi o astro dos vates apaixonados — a Lua, quási sempre no crescente; a esta nota recorria para maior fulguração das scenas da sua preferêcia.

Com Cândido da Cunha, finalmente, morreu, entre nós, a arte dos crepúsculos vespertinos, das horas que fazem pensar na brevidade da nossa acidentada existência...

A nossa mente perde-se em cogitações de mágoa indefinível ao assistir ao desaparecimento de espíritos que não mais voltam a aquecer a nossa imaginação.

Sejam estas palavras significativas do eterno e bem sentido adeus dum antigo companheiro das lides da Arte, que sabe diluir no vago da saüdade desgostos causados pelos azares desta vida de rudes pelejas e pungentes decepções.

JOÃO AUGUSTO RIBEIRO.

DA *ILUSTRAÇÃO MODERNA*
MÊS DE NOVEMBRO DE 1926

UM GRANDE POETA QUE DESAPARECE

CÂNDIDO DA CUNHA...

Chamei-lhe em cima poeta. E era-o, de facto, como poucos. Nem só quem faz versos é poeta. Ao contrário, há muitos versejadores que nunca o foram. Poeta é todo aquele que sinta a beleza das coisas e saiba transmiti-la ao público por qualquer processo artístico. E Cândido da Cunha, manejando o pincel, era um grande poeta lírico.

Sentia enormemente a formosura da natureza. Não o impressionavam, é certo, os grandes scenários sumptuosos onde a vista humana pode ler sem dificuldade a assinatura de Deus. Mas encantavam-no as coisas simples, um grupo escasso de árvores debruçadas sôbre um recanto de água tranqüila, uma curva de rio espraçada por entre campos de sementeira, um arbusto florido, um retalho de céu azul, um poente suave; pedaços de paisagem que poderiam afigurar-se banais a outro qualquer, e que êle reproduzia hàbilmente, tocando-os de uma beleza imprevista,—beleza que talvez estivesse mais nos seus olhos do que nos objectos retratados. Era muitas vezes a sua alma perfeita quem enchia de encanto e de emoção os temas mais prosaicos e vulgares. Passa em todos os seus quadros qualquer coisa de estranho, de pessoal, que leva a marca do estado subjectivo do pintor. O quê? Não sei dizê-lo, mas algo de muito português. Suponho bem que ninguém, no estrangeiro, poderá ver uma tela de Cândido

da Cunha sem as lágrimas nos olhos. É isso mesmo: o que êle punha nos seus quadros sem dar por tal, era um alôr de saúde, o sentimento de precoce nostalgia experimentados, sob a ideia da morte mais ou menos próxima, por todos os espíritos que se deliciam perante a polcritude das coisas.

Devia ser esta—a certeza de que ia deixar de ver as belezas da criação—a grande mágoa de Cândido da Cunha ao sentir-se deperecer. E certo estou de que, já nas vascas da agonia, ainda os seus olhos se voltaram para a janela aberta, para o céu de safira, para o sol que mergulhava no oceano, para a ramaria das árvores onde o outono ia pondo as melancólicas pinceladas de oiro pálido que êle tão bem sabia copiar.

¡Pobre Cândido da Cunha! ¡Que tristeza ver-te agora na inestética solidão de um banal cemitério citadino! ¡E que pena que o teu frágil corpo não fôsse inumado num pitoresco campo-santo de aldeia à beira-mar, sob um monumento modesto beijado pelas ondas e iluminado, tôdas as tardes, pelo revérbero do poente! Era aí que tu ficavas bem, na paisagem que tanto amaste e que as tuas pupilas embaciadas já não podem contemplar.

Epitáfio? Para quê? Mas se fôsse preciso um, eu proporia o seguinte:

«AQUI JAZ UM ARTISTA QUE, JULGANDO
PINTAR O MUNDO EXTERNO, NADA MAIS FÊZ
DO QUE RETRATAR A SUA ALMA DE POETA
E O SEU CORAÇÃO DE SANTO».

CAMPOS MONTEIRO.

DA *ILUSTRAÇÃO MODERNA*
MÊS DE NOVEMBRO DE 1926



da Cunha sem as lágrimas nos olhos. É isso mesmo: o que ele punha nos seus quadros sem dar por tal, era um alôr de saudade, o sentimento de precoce nostalgia experimentados, sob a ideia da morte mais ou menos próxima, por todos os espíritos que se deliciam perante a polcritude das coisas.

Devia ser esta—a certeza de que ia deixar de ver as belezas da criação—a grande mágoa de Cândido da Cunha ao sentir-se deperecer. É certo estou de que, já nas vascas da agonia, ainda os seus olhos se voltaram para a janela aberta, para o céu de safira, para o sol que mergulhava no oceano, para a ramaria das árvores onde o outono ia pondo as melancólicas pinceladas de oiro pálido que ele tão bem sabia copiar.

¡Pobre Cândido da Cunha! ¡Que tristeza ver-te agora na inestética solidão de um banal cemitério citadino! ¡É que pena que o teu frágil corpo não fôsse inumado num pitoresco campo-santo de aldeia à beira-mar, sob um monumento modesto beijado pelas ondas e iluminado, tôdas as tardes, pelo revérbero do poente! Era aí que tu ficavas bem, na paisagem que tanto amaste e que as tuas pupilas embaciadas já não podem contemplar.

Epitáfio? Para quê? Mas se fôsse preciso um, eu proporia o seguinte:

«AQUI JAZ UM ARTISTA QUE, JULGANDO
PINTAR O MUNDO EXTERNO, NADA MAIS FÊZ
DO QUE RETRATAR A SUA ALMA DE POETA
E O SEU CORAÇÃO DE SANTO».

CAMPOS MONTEIRO.

DA ILUSTRAÇÃO MODERNA
MÊS DE NOVEMBRO DE 1926

biblioteca
municipal
barcelos



60117

Cândido da Cunha